A carta que nunca foi enviada

Sentei-me à mesa, a folha à minha frente,
A caneta na mão, preparada para protestar.
Com o coração por toda a mente,
Palavras que não consigo usar.

E o muro que nos separar, vês?
Não é de cimento nem de metal, não.
É a vida que tem leis talvez,
Que só ditam a separação.

A tua riqueza tem preço,
Que alguém do outro lado está a pagar.
Neste mundo de desprezo,
Não há espaço para sonhar.

A raiva que em mim se acumula,
É um rio que quer transbordar,
Mas a tua vida me manipula,
E não me deixa lutar.

Escrevo na folha em branco, juro,
O que ninguém quer escutar.
Um dia o mundo será puro,
Mas só quando não tiver ninguém para o contar.

A verdade que me espanta,
É que este papel molhado,

É a única coisa que canta,
Um hino que fica guardado.

O receio do que pode ser escrito,
O silêncio que preferi,
É o meu castigo, é o meu rito,
A dor que guardo em mim.

Não há envelopes, nem selo,
Nem coragem para a enviar.
Contra o destino não me revelo,
Fico sem querer ficar.

A caneta pouso, o gesto suspendo,
A carta fica por escrever.
A vida não tem senso,
Em nos fazer sofrer.

Talvez, um dia, numa outra vida,
Em que sejamos dois iguais,
Esta seja escrita,
E curados os nossos males.

Mas por agora, o papel jaz,
Um grito mudo e dormente.
A carta que nunca se faz,
Enquanto ainda há desrespeito por ser diferente.